



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES HUMANIDADE E LETRAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA

CARLOS ANTONIO OLIVEIRA LOPES

**FEIRA LIVRE COMO MECANISMO DE INCLUSÃO: O caso da Feira
Livre de Alimentos de Maragogipe – BA.**

Cachoeira – BA

2019

CARLOS ANTONIO OLIVEIRA LOPES

**FEIRA LIVRE COMO MECANISMO DE INCLUSÃO: O caso da Feira
Livre de Alimentos de Maragogipe – BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Antonio Santos Silva

Cachoeira

2019

CARLOS ANTONIO OLIVEIRA LOPES

Feira livre como mecanismo de inclusão social: O caso da Feira Livre de Alimentos de Maragogipe - BA


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Aprovado em 19 de dezembro de 2019.



Siélia Barreto Brito

Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Francisco Alves de Queiroz

Doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Jorge Antonio Santos Silva

Professor Orientador
Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por mim iluminar, dar forças e sabedoria para superar as dificuldades que surgiram ao longo deste caminho.

A minha avó Carmelita Lima, pelo incentivo, dedicação, paciência e preocupação chegando a perder preciosas horas de sono.

A minha mãe, Célia Maria mulher guerreira que tem dupla jornada de trabalho, pelo incentivo, paciência, dedicação, colaboração, preocupação e inspiração.

Ao meu pai, Raimundo Lopes homem de garra que deixou o mar para adentrar a indústria, agradeço a paciência, preocupação e inspiração.

A minha irmã Carla Alessandra, Everton (cunhado) e Julia (sobrinha) pelo incentivo, preocupação, colaboração e paciência, principalmente paciência.

A minha noiva Léa Vasconcelos, pelo amor, dedicação, apoio nas atividades acadêmicas e incentivo a enfrentar este desafio de cursar uma Universidade Federal.

Ao professor e Orientador Dr. Jorge Antonio Santos Silva, pelas sugestões e condução deste trabalho. Obrigado pela paciência e sabedoria.

Agradeço a todos que agora fazem parte da minha história nessa jornada acadêmica, aos colegas de turma Álvaro, Almir, Luís Alberto, Emilio Tadeu, Gilda, Gabriel, Mirele, Pedro, Ícaro, Caio, Luís Paulo, Roque Júnior, Marília, Lúcia, Edson e todos do semestre 2016.1.

A todos os professores do Curso de Gestão Pública e em especial, Jorge Antonio, Lys Vinhaes, Daniela Matos e Doraliza Monteiro, professores que mais tive atividades acadêmicas.

Ao amigo Paulo, da Casa da Cultura, pela colaboração na pesquisa histórica.

Aos feirantes por confiar no meu trabalho, ceder um pouco do seu tempo e colaborar com a coleta de dados, sem a qual não seria possível o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram e agora fazem parte desta minha história acadêmica. Muito Obrigado!

LOPES, Carlos Antonio Oliveira. **Feira livre como mecanismo de inclusão:** O caso da Feira Livre de Alimentos de Maragogipe – BA. 2019 44p. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

RESUMO

A Feira Livre de Alimentos de Maragogipe é caracterizada, principalmente, pela venda de produtos produzidos pelo pequeno produtor rural. Esta pesquisa teve o objetivo de investigar a possibilidade que a feira livre tem de servir como instrumento de inclusão via trabalho e renda para os feirantes e suas famílias. Em um primeiro momento foi feito um levantamento conceitual sobre o tema desenvolvimento local e inclusão, prosseguido com um levantamento geral do histórico e caracterização do município, pesquisando os aspectos geográficos, culturais e socioeconômicos; seguido por uma pesquisa mais aprofundada com foco no processo de surgimento e evolução da feira, com este embasamento teórico partimos para a pesquisa de campo. A pesquisa de campo apoiou-se no modelo denominado Estudo de Caso por ser uma ótima opção para trabalhar com objetos sem relatos de estudos anteriores, além da possibilidade de poder atuar em conjuntos com outros métodos de pesquisa, neste caso a observação participante. A coleta de dados foi feita por meio de questionários aplicados a 55 feirantes, baseado no conceito da amostra aleatória simples e a análise seguiu o padrão da Análise Exploratória dos Dados. Em síntese a pesquisa mostrou que a feira é muito importante para o município de Maragogipe, pois, promove a inclusão dos munícipes que nela trabalha e de forma geral colabora para o desenvolvimento local. Acreditar-se que os resultados da pesquisa possam promover um novo olhar tanto dos que nela trabalham e dependem como da Gestão Municipal.

Palavras-chave: Feira livre de alimentos, Inclusão, comércio, Feirante.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comerciantes da Feira Livre de Maragogipe por Sexo – 2019	27
Gráfico 2 – Etnia (Raça/Cor) dos Feirantes de Maragogipe – 2019.....	28
Gráfico 3 – Ocupação Principal dos Feirantes da Feira Livre de Maragogipe – 2019	29
Gráfico 4 – Tempo de Atividade como Feirante em Maragogipe – 2019	31
Gráfico 5 – Motivo ter iniciado a atuar como Feirante em Maragogipe – 2019	32
Gráfico 6 – Avaliação dos Aspectos da Feira Livre de Maragogipe – 2019	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Como você avalia seu trabalho – 2019	33
Quadro 2 - Síntese das respostas – redução do número de feirantes – questão 19 – 2019	35
Quadro 3 – Síntese das respostas – redução do número de clientes – questão 20 – 2019	36
Quadro 4 –Síntese das respostas – ações da Gestão Municipal para melhoras nas condições da feira – questão 22 – 2019.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	14
2.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL	14
2.2 FEIRA LIVRE, DESENVOLVIMENTO LOCAL E INCLUSÃO.....	15
3 A FEIRA LIVRE E O MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE.....	19
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE.....	19
3.1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS.....	19
3.1.2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	19
3.1.3 ASPECTOS CULTURAIS.....	20
3.1.4 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS.....	21
3.2 A FEIRA LIVRE DE ALIMENTOS DO MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE.....	21
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	24
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
APÊNDICES.....	42
A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E AUTORIZADO.....	43
B – QUESTIONÁRIO.....	44

1. INTRODUÇÃO

A feira livre de alimentos em Maragogipe é caracterizada, principalmente, pelo comércio dos produtos produzidos pelos próprios feirantes (pequeno produtor rural). Busca-se um olhar sobre o desenvolvimento na perspectiva do próprio feirante, procurando identificar como ele percebe a atuação da Gestão Municipal, de que modo esta tem incentivado a continuidade dessa forma secular de comércio, pois, o que se percebe é uma notável redução no número de feirantes e clientes nas atividades.

De acordo com a União dos Municípios da Bahia – UPB, a feira livre é algo que todo brasileiro convive há muito tempo e que faz parte da rotina das pequenas, médias e grandes cidades do país. É o maior supermercado dos municípios. Pertence ao povo e é administrado pelo poder municipal (UPB, 2017).

A feira livre é um espaço comercial em que o movimento de mudança é constante, pois expressa o momento vivido pela sociedade e reflete a realidade local. Por exemplo: quando há um desequilíbrio financeiro no município, o feirante é um dos primeiros a perceber e sentir esse impacto. Portanto, o feirante luta para adequar-se à realidade vivida, procurando mecanismos para ofertar seus produtos de maneira apropriada à necessidade dos seus clientes, mantendo assim, um padrão mínimo de competitividade.

Como ponto de partida, se apresenta os problemas que despertaram o interesse nessa temática para a pesquisa: forte concorrência dos supermercados, os novos métodos de pagamentos (cartão de crédito e débito), por ser apenas um dia na semana ou pela falta de apoio da Gestão Municipal.

Pelas razões citadas, cria-se a necessidade de uma pesquisa voltada a compreender como atua o Poder Público em relação a esse comércio tradicional em Maragogipe. Destaca-se que essa pesquisa foca, com prioridade, a opinião dos feirantes, tendo em vista que o mesmo é o primeiro a sofrer os impactos em decorrência de qualquer tipo de alteração na feira, seja ela: estrutural, organizacional ou, principalmente, financeira.

Este Trabalho de Conclusão de Curso procura responder ao seguinte questionamento: A Feira Livre de Alimentos de Maragogipe tem servido ou pode servir como instrumento de inclusão para aos feirantes e suas famílias? Com base em literaturas que discorrem sobre inclusão e desenvolvimento local, artigos e livros que tratam do tema feira livre, e a pesquisa de campo aplicada na feira, tem-se alguns objetivos a serem atingidos para o alcance da resposta à presente indagação.

O objetivo geral deste trabalho é estudar a possibilidade que a feira livre tem de propiciar a inclusão dos feirantes e suas famílias pela via de trabalho e renda.

Para tanto, torna-se necessário compreender, mesmo observando-se a redução do número de feirantes ao longo do tempo, o que leva muitas pessoas a permanecerem trabalhando na feira livre, apesar de se queixarem que não conseguem suprir suas necessidades fundamentais somente com o dinheiro que nela adquirem.

Nesse sentido, os objetivos específicos relacionam-se ao comportamento dos atores envolvidos na feira livre de Maragogipe, e compreendem: entender as razões da redução significativa do número de feirantes; o que motiva a permanência dos feirantes que persistem nessa atividade e compreender o que leva à entrada de novas pessoas na feira.

Pretende-se que esta pesquisa seja encaminhada ao órgão público municipal responsável pela organização da feira, com o intuito de servir de base para a implantação de políticas públicas que visem reparar as falhas e reforçar os pontos positivos observados e identificados durante a pesquisa realizada. A feira, objeto da investigação, acontece todos os sábados na Praça XV de Novembro, no Mercado Municipal do Areal, na Cidade de Maragogipe-Ba.

É necessário se voltar para o cotidiano e para o microcosmo (cidade), para buscar uma reflexão sobre como a feira livre persiste, mesmo nos grandes centros urbanos.

Apesar da cidade de Maragogipe não ser uma metrópole, aparenta sofrer os mesmos problemas para manter uma feira livre. Por esse motivo, tomar-se-á como base nesta pesquisa os relatos da revista eletrônica *Ateliê Geográfico*, Goiânia-GO, desenvolvidos por Gilmar Mascarenhas, professor adjunto da UERJ e Miriam C. S. Dolzani, socióloga e especialista em Políticas Territoriais /UERJ. (MASCARENHAS e DOLZANI, 2008).

Em uma pesquisa utilizando o método etnográfico, a feira livre é abordada de maneira muito clara e objetiva contendo uma riqueza de detalhes necessários a uma pesquisa que tenha como objetivo comparar e apontar problemáticas sociais relacionadas à Gestão Municipal. Este foi o método utilizado por Ana Cláudia de S. Teles Minnaert em seu artigo “A feira livre sob um olhar etnográfico.” (MINNAERT, 2008). Nesse artigo ela apresenta a feira livre como um espaço de comércio que, além de demonstrar a produção local e a circulação de mercadorias, representa a dinâmica de uma sociedade em um determinado momento. Seguindo esse raciocínio, se identificará as falhas da gestão municipal apontadas pelos feirantes, procurando assim evidenciar as razões que estão causando a redução no número de

feirantes e de que modo devem agir os gestores, como estimular o desenvolvimento e ampliação da feira e, principalmente, como implantar novos mecanismos de pagamento.

O autor da pesquisa tem uma relação de vivência com a feira, pois passou por diversas categorias de trabalho na feira de alimentos, primeiro, ainda na infância, exerceu a atividade de carregador com carro de mão, posteriormente, já na adolescência, a experiência foi como armador/guardador de barracas e no auxílio da venda de mercadoria, este último por um curto período de tempo. Atualmente, exerce a atividade de comerciante em um ponto comercial no entorno da Feira Livre de Alimentos, onde trabalha no fornecimento de lanches e bebidas, principalmente para os feirantes. Esses motivos reforçaram o interesse em estudar o tema.

Um artigo desenvolvido a partir do “III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho” em Lavras, Minas Gerais, gerou um embasamento teórico para novas pesquisas relacionadas às feiras livres, pois, retrata a feira como um canal de comercialização diferenciado por oferecer alternativas aos pequenos comerciantes rurais. (SALES, REZENDE e SETTE, 2011). Além de falar um pouco da origem da feira livre e de sua evolução, retrata, ainda, que em municípios de pequeno porte a feira livre tem um impacto comercial elevado, por esses motivos torna-se um importante instrumento para formulação/implantação de políticas públicas. Esse material tem um nível de credibilidade muito elevado, pois foi desenvolvido a partir de pesquisas feitas com os próprios feirantes, através de parcerias entre universidade, prefeitura, órgãos de assistência técnica e a própria associação comercial do município.

Como o tema da pesquisa é a inclusão, focada na feira livre, o desenvolvimento é um processo a ela vinculado. Bresser-Pereira (2008), economista e cientista político, entre outras atividades, afirma em seu artigo “O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico”, que desenvolvimento é a incorporação do progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante. Com base nessa afirmação, o desenvolvimento a partir da feira livre de Maragogipe deve abranger vários aspectos como: escoamento da produção, novas formas de pagamento (cartão de crédito e débito), segurança pública, estrutura física (barracas padronizadas), e programas de treinamento para o feirante (atendimento ao público), o que elevaria o padrão da feira atraindo novos clientes.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) utiliza como procedimento metodológico o Estudo de Caso, pois é um excelente procedimento para responder questões que não se tem muita clareza do objeto investigado, além de ser um método que permite a utilização em conjunto com outros métodos. Neste caso utilizar-se-á um questionário com questões

objetivas e subjetivas, e a observação participante, método que permite ao pesquisador influenciar no evento, promovendo oportunidades que não seriam possíveis de acessar com outros métodos de coleta de dados.

A partir dessa percepção, construiu-se o questionário aplicado aos feirantes para compreender-se como ocorre esse processo, conhecer-se o perfil dessa população e sua percepção sobre a feira e as atividades por eles desenvolvidas.

O presente trabalho é estruturado, a partir desta Introdução, que possibilita ao leitor ter uma visão geral do tema abordado, apresenta trabalhos com a mesma linha de raciocínio, expõe o motivo que levou ao interesse em pesquisar o tema Feira Livre de Alimentos, além de dar um direcionamento à continuidade do trabalho.

O segundo capítulo, intitulado “Inclusão e Desenvolvimento Local”, trabalha esses conceitos atentando-se às suas principais características e analisando como esses podem ser percebidos na feira livre de Maragogipe-Ba. As discussões são ancoradas nos ensinamentos de Barros, Silva e Spinola (2006), e uma publicação proveniente de uma parceria entre a Secretaria Especial de Direitos Humanos e o Ministério da Educação, intitulada “Programa de Desenvolvimento Continuado” (BRASILIA, 2004), complementado por observações feita na própria feira.

O terceiro capítulo, “A Feira Livre e o Município de Maragogipe” apresenta as características geográficas, históricas, culturais e os aspectos socioeconômicos do Município. Seguida por uma explanação detalhando como surgiu a feira livre de alimentos, e relatos de seu desenvolvimento até chegar-se ao presente momento.

Importante ressaltar que para a construção da seção 3.2 do terceiro capítulo, foi necessário buscar no acervo público da Biblioteca Municipal materiais como: jornais já extintos, folhetos e publicações antigas, o que consumiu boa parcela de tempo, pois não havia nenhum estudo publicado sobre a Feira de Alimentos de Maragogipe. Devido à fragilidade do material acessado e a preocupação ao manuseá-lo, a coleta do mesmo realizou-se por meio de registros fotográficos, pois os arquivos não podiam deixar a Biblioteca. Além disso, houve conversas informais com anciões que trabalham na feira. Com isso, construiu-se importante fonte de consulta que poderá ser útil para posteriores pesquisas a respeito do surgimento da feira e outros fatos relacionados.

Apresenta-se, no quarto capítulo, a pesquisa de campo e a análise dos resultados, como foi desenvolvida a pesquisa, quais os embasamentos teóricos utilizados na pesquisa e na análise dos dados coletados, destacando-se Bressan (2000) e Yin (2015). Além da

apresentação dos resultados já tratados e simplificados para facilitar o entendimento dos leitores, seguindo-se as considerações finais.

2 INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

2.1 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Diante do grande número de trabalhos publicados sobre o tema, atendo-se ao mais próximo da nossa realidade, um município pouco avançando tecnologicamente seja na produção, beneficiamento ou destinação final dos produtos de origem animal ou vegetal. Por esses motivos, buscou-se um artigo que foca no pequeno produtor e na sua relação direta com os usuários e consumidores.

Em artigo publicado no ano de 2006 na Revista de Desenvolvimento Econômico - RDE, Barros, Silva e Spinola discutem o conceito de desenvolvimento local e chegam à conclusão que:

Como a economia é afetada pelas mudanças do mundo que a rodeia, as causas e a explicação do desenvolvimento devem ser buscadas, também, fora dos estudos da teoria econômica. Para Barquero (2002) um dos pilares da política de desenvolvimento local são aquelas iniciativas que favorecem a difusão das inovações no tecido produtivo da localidade ou do território e a melhoria de qualificação dos recursos humanos por meio da adequação da oferta de capacitação às necessidades dos diferentes sistemas produtivos locais.

A diferença entre aglomerações produtivas (baseadas em externalidades marshalianas) e inovativas (baseadas em externalidades schumpeterianas) é, principalmente, a capacidade de criação de um ambiente inovativo, caracterizado pelo engajamento das pessoas de boa qualificação nas causas de inovação e *design*, as trocas entre fornecedores e usuários e seus efeitos de encadeamento, a presença de programas de qualificação seja de pessoal, seja das atividades técnicas e produtivas e, principalmente, a cooperação entre os atores envolvidos, seja entre firmas competidores ou entre usuários e produtores. (BARROS, SILVA E SPINOLA, 2006, p. 94).

Com base nesse conceito, pode-se inferir de que maneira a feira livre proporcionou e ainda proporciona inclusão, de fato, e desenvolvimento local, o que pode ser constatado apenas de maneira informal, pois a cidade não tem um estudo sobre o impacto financeiro gerado pela feira de alimentos. É notável a qualquer munícipe, que aos sábados, dia em que ocorre a feira, os supermercados, bares, lanchonetes, casa lotérica e demais comércios tem um aumento no fluxo de clientes.

Esse aumento no fluxo de clientes ocorre, principalmente, pelo elevado número de pessoas que vão até a feira para comprar frutas, legumes, carnes, mariscos, entre outros produtos. O número de clientes somado ao de feirantes aquece o comércio de forma geral, pois pessoas que trabalham durante todos os dias da semana aproveitam para comprar os itens

de supermercado nos dias de sábado, já que os maiores supermercados ficam próximos à feira.

É perceptível o aumento nas filas da casa lotérica e alguns estabelecimentos que realizam e recebem pagamentos, muitos dos feirantes deixam para fazer compras no sábado, pagar contas, comprar itens de padaria (bolos, pães, biscoitos) entre outras atividades. De modo geral, a própria dinâmica no centro do município sofre alterações, por volta da zero hora dos sábados o trânsito sofre alterações, restringindo a circulação de veículos para descarga de mercadorias e emergências.

2.2 FEIRA LIVRE, DESENVOLVIMENTO LOCAL E INCLUSÃO

É notável que, na maioria dos municípios, as feiras livres cooperam com a economia local e promovem a inclusão, mas, em se tratando especificamente do desenvolvimento local, é necessário fazer uma análise mais profunda, pois, o desenvolvimento leva em conta outros fatores além da igualdade de oportunidades e melhores condições de vida. Para que ocorra o desenvolvimento local deve haver, também, mecanismos que promovam a inovação produtiva e a qualificação profissional de acordo com as diferentes necessidades, fazendo com que, no nosso caso, o feirante esteja qualificado e apto a atender as exigências de um mercado de consumo cada vez mais difícil de satisfazer.

De acordo com o conceito de desenvolvimento local, visto anteriormente, não é possível afirmar-se que a Feira Livre de Alimentos de Maragogipe, por si só, pode proporcionar o desenvolvimento local, apesar de ter sua parcela de contribuição no desenvolvimento do Município, pois, sem a feira alguns comércios no seu entorno, principalmente os bares e restaurantes, encerrariam por definitivo suas atividades comerciais.

Um dos principais motivos que leva a não se poder afirmar que a feira livre consiga proporcionar o desenvolvimento local, é o fato de ela ocorrer somente aos sábados, diferente de outras cidades circunvizinhas, como Cachoeira, Cruz das Almas e Muritiba, em que a feira livre de alimentos ocorre diariamente.

Uma feira com funcionamento diário proporcionaria aos feirantes a opção/obrigação de especializar-se e focar somente em uma atividade, tendo em vista que o feirante é obrigado

a possuir outra fonte de renda para arcar com suas despesas. Como consequência, geraria-se a necessidade da criação de sindicatos e associações, proporcionando ao feirante uma sensação de bem-estar financeiro (conforto e tranquilidade); de equipe da Prefeitura com dedicação exclusiva à feira para sua organização, limpeza e fiscalização, gerando mais postos de trabalho, pois, atualmente, os servidores da Prefeitura que atuam na feira são profissionais de outras áreas que são deslocados para tal função nos dias de sábado.

A atividade diária criaria, ainda, a necessidade de cursos de capacitação para atendimento ao público; proporcionaria modificações no setor de transporte para atender a demanda na movimentação de mercadorias entre cidade e zona rural; o pessoal de carga e descarga de caminhões, os carregadores com carro de mão; os bares, restaurantes e lanchonetes teriam movimentação diária e toda dinâmica do centro da cidade sofreria alterações. Certamente, se a feira livre ocorresse todos os dias poderia-se afirmar sua interferência de maneira bastante expressiva no desenvolvimento local do Município.

Em uma pesquisa publicada pela Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento – RBPD, Araújo e Ribeiro destacam a importância das feiras livres no desenvolvimento dos municípios:

As feiras livres além de serem capazes de suprir com qualidade a alimentação da população local, também contribuem com a economia local. As rendas geradas pelas feiras possuem como principal destino o comércio urbano. Esse tipo de indicador econômico passa muitas vezes despercebido dos órgãos municipais, sendo alvo de pouca atenção e incentivos. [...] Embora as feiras não tenham destaque nas políticas públicas municipais, sobretudo em questões de transporte, o que se percebe é que a mesma possui grande envolvimento e aceitação da comunidade local. Estabelecem relações econômicas entre todos os agentes: comerciantes, clientes e feirantes. Além de ser detentora de uma variedade de produtos, os consumidores e comerciantes enxergam a qualidade, além de viabilizar o abastecimento alimentar de forma pontual, de acordo com as necessidades da região, dessa forma, garantindo a segurança alimentar. Feiras ainda se caracterizam pelo seu espaço de sociabilidade: entre feirantes, entre comerciantes, ou entre ambos, ocorrem trocas de conversas, constantemente. (ARAUJO e RIBEIRO, 2018, p.300).

De acordo com o exposto até aqui, não se pode assegurar que a Feira Livre de Alimentos de Maragogipe possa, por si só, proporcionar desenvolvimento local, mas, com certeza, e ratificando o exposto ao longo do capítulo, a feira tem sim uma contribuição muito importante na dinâmica socioeconômica do Município pelo fato de fornecer oportunidade de ocupação para as pessoas.

Analisando a feira livre como mecanismo de inclusão, diante do atual cenário econômico do País, com taxas de desemprego tão elevadas, constata-se que ela pode ajudar a amenizar essa dificuldade, propiciando trabalho e ganho monetário.

O Governo Federal através da Secretaria Especial de Direitos Humanos e em parceria com o Ministério da Educação criou “Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado”, com o objetivo de contribuir para o debate e a reflexão dos valores construídos na escola e na sociedade. Dividido em cinco módulos, esse programa dedica todo seu módulo número quatro ao tema inclusão social.

Logo nas primeiras linhas do texto é apresentada a definição de inclusão social:

Pensar em inclusão social nos remete, necessariamente, ao seu reverso: a exclusão social. Os dados da realidade brasileira e mundial são tão marcantes quanto a exclusão, que, ao pensar em um projeto sobre ética e cidadania, somos levados a estabelecer a inclusão como um desejo, uma realidade que só será alcançada com grandes transformações sociais e políticas. (BRASÍLIA, 2004, p.8).

Após exposição de alguns dados a respeito da exclusão social, em nível mundial, o texto aponta alguns caminhos a serem seguidos, com o intuito de promover a inclusão social no Brasil.

A situação de exclusão social que encontramos no Brasil, embora não expressa em números neste texto, também é muito grave. Buscar estratégias que se traduzam em melhores condições de vida para a população, na igualdade de oportunidades para todos os seres humanos e na construção de valores éticos socialmente desejáveis por parte dos membros das comunidades escolares é uma maneira de enfrentar essa situação e um bom caminho para um trabalho que visa à democracia e à cidadania. (BRASÍLIA, 2004, p. 8-9).

Trazendo esse conceito para a realidade local, busca-se avaliar se a feira livre pode atuar como mecanismo de inclusão para os feirantes, ou se, mesmo nesse ambiente aparentemente igualitário (no sentido que não se percebe visíveis diferenças financeiras absurdas entre os feirantes), um exame mais aprofundado possibilitará revelar a realidade de um processo de exclusão, em um sentido mais amplo.

Em Maragogipe, percebe-se facilmente o papel da feira como um mecanismo de inclusão, via trabalho e renda, principalmente em épocas de crise financeira e altas taxas de desemprego. Após o encerramento das atividades do Estaleiro Enseada do Paraguaçu, no início de 2015, uma das poucas alternativas de trabalho para os munícipes passou a ser a feira, possibilitando ocupação nas atividades de feirante, moto taxista, carregador de mercadorias em duas modalidades (carregador de feira em carro de mão ou na carga e descarga de

caminhões), ou como armador e guardador (responsáveis pela montagem, desmontagem e armazenamento das barracas).

Outra categoria beneficiada com a feira de alimentos é a dos camelôs da cidade, pois, esses estabelecem suas barracas (com vestuários, calçados e produtos eletrônicos) no entorno da feira de alimentos que acontece aos sábados e aproveitam o aumento no fluxo de pessoas para expor suas mercadorias, sem a concorrência que ocorre às quintas-feiras na tradicional feira de Acari (especializada em roupas, calçados, entre outros produtos) com a presença de camelôs das diversas cidades circunvizinhas.

3 A FEIRA LIVRE E O MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE

3.1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Maragogipe localiza-se no Recôncavo Sul da Bahia, a 133 km de Salvador, capital do Estado. Com população estimada em 44.555 habitantes em 2018, possui uma vasta extensão territorial, totalizando 438.182 km². (IBGE, 2019).

O município de Maragogipe se limita com Cachoeira, São Felix, Saubara, Salinas das Margaridas, Jaquaripe, Nazaré, São Felipe e Baía de Todos os Santos. O Município possui seis distritos: Maragogipe (sede), Nagé, Coqueiros, São Roque do Paraguaçu, Guapira e Guaí.

De acordo com o portal da cidade, a mesma apresenta excelentes condições para o turismo náutico, contando, inclusive, com uma ponte de atracação para embarcações de grande porte. Está localizada ao fundo da Baía de Todos-os-Santos e situada à direita do estuário do rio Paraguaçu, onde formou-se uma baía interna, a Baía do Iguape.

O município de Maragogipe é bastante rico no que diz respeito aos recursos naturais, apresentando um ótimo potencial para o desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo ecológico, rural e, principalmente, ao turismo náutico. (MARAGOGIPE, 2015).

3.1.2 CONTEXTO HISTÓRICO

O Município de Maragogipe integra a mesorregião Metropolitana de Salvador, na microrregião de Santo Antônio de Jesus. Tem data de elevação à categoria de Vila, em 1725, e à categoria de Cidade, em 1850. (MARAGOGIPE, 2015).

A história de Maragogipe tem início próximo ao ano de 1557, quando ainda fazia parte das sesmarias do Paraguaçu. A história oficial do município conta que:

Essa região era habitada pelos índios da tribo Maragós, que alguns historiadores e memorialistas traduziram como: "braços invencíveis", ou "rio dos mosquitos", devido ao fato de ser situado numa ampla área de manguezal. Eram inteligentes, guerreiros, dedicando-se ao cultivo do solo, à pesca e à caça. Posteriormente, deslumbrados com a riqueza das matas e com a acessibilidade do sítio a qualquer embarcação, alguns exploradores resolveram fixar residência dedicando-se à extração de madeiras, plantação de mandioca e de cana-de-açúcar, construção de engenhos e casas de farinha. As terras do atual município estavam inclusas no território da Capitania do Paraguaçu (ou Peruaçu), doada a dom Álvaro da Costa,

filho do governador-geral dom Duarte da Costa, por carta de doação de 20 de novembro de 1565.

Durante a guerra de consolidação da independência brasileira, Maragogipe foi palco de uma escaramuça entre os portugueses e os brasileiros, liderados por Bento de Araújo Lopes Vilas Boas, com a vitória dos últimos. Como recompensa, foi-lhe concedido o título de Barão de Maragogipe pelo imperador brasileiro dom Pedro I. O município foi criado com território desmembrado de Jaguaripe e denominado de Maragogipe por carta régia de 17 de dezembro de 1693 e portaria de 16 de dezembro de 1724. A sede foi elevada à categoria de cidade através da Lei Provincial de 8 de maio de 1850. (MARAGOGIPE, 2015, p. 9).

Esse foi o caminho percorrido desde o início da exploração das suas matas, manguezais e povos nativos, até a elevação à categoria de cidade. A diversidade de rios de fácil navegação favoreceu o rápido povoamento por exploradores (fazendeiros).

3.1.3 ASPECTOS CULTURAIS

Entre as diversas atrações culturais, destacam-se o Carnaval, o Forró do Cais e a Festa de São Bartolomeu (Padroeiro da cidade).

O Carnaval destaca-se pela beleza proporcionada pelos mascarados, que utilizam belas fantasias e máscaras e saem às ruas gerando risos com a tradicional frase “você me conhece careta” e mais recentemente com fantasias que promovem irreverência e protestos ao mesmo tempo.

Em 2009 o IPAC – BA registrou o carnaval de Maragogipe como Patrimônio Imaterial da Bahia, Decreto Estadual nº 11.449 de 02 de março de 2009, no Livro do Registro Especial de Eventos e Celebrações. (IPAC, 2009).

O Forró do Cais acontece no mês de junho e seu destaque são as atrações com o popular forró pé de serra, quadrilhas e comidas típicas. O Forró do Cais, criado em 1987, chegará à sua 31ª edição em 2019 de acordo com o arquivo público da Prefeitura.

A Festa de São Bartolomeu é a mais esperada pelos maragogipanos, pois, além da tradicional festa religiosa com Missas, Novenário e Procissão, distribuídas ao longo do mês de agosto, nesse mesmo mês acontecem outros eventos como a Lavagem Popular, Festa Profana (com grandes artistas) e a Regata Aratu x Maragogipe (com registros a partir de 1970).

Pode-se destacar a regata Aratu x Maragogipe, por ser a principal regata do Estado e uma das principais da América Latina, acontece todo ano no mês de agosto. Em 2019 a regata completou 50 anos de existência, com um percurso de 32 milhas, em comemoração aos festejos de São Bartolomeu.

3.1.4 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

A economia do município é impulsionada principalmente pela agricultura familiar e a pesca artesanal. A tradição na pesca e mariscagem deve-se a um lagamar (lagoa de alga salgada) de aproximadamente 30 km de manguezais com aproximadamente 30 metros de largura, que rendeu ao município a primeira Reserva Extrativista (RESEX) da Bahia.

Em relação à agricultura familiar, observando-se dados preliminares do Censo Agropecuário 2017, percebe-se o grande potencial agropecuário do município que conta com 4.044 estabelecimentos agropecuários e ocupa cerca 6.292,356 hectares com lavouras permanentes e temporárias e 5.843,853 hectares de pastagem. Pode-se destacar, ainda, a produção de mandioca (aipim ou macaxeira) com 15.369,803 toneladas em produzidas em 2017. (IBGE, 2017).

Segundo dados do Censo Agropecuário 2017 o município possui 10.848 pessoas trabalhando na atividade rural, o que representa quase vinte e cinco por cento da população. (IBGE, 2017).

3.2 A FEIRA LIVRE DE ALIMENTOS DO MUNICÍPIO DE MARAGOGIPE

As feiras livres possuem, em geral, algumas características básicas como: barracas de madeira ou aço, cobertas por lonas de caminhão ou plásticos tipo lona, diversidade de produtos agrícolas e de origem animal e pessoas das diversas faixas etárias (de crianças a idosos) trabalhando nesse enorme comércio ao ar livre. Porém, dificilmente se encontrará duas feiras iguais, pois, além das diferenças regionais proporcionadas pela grande densidade geográfica do Brasil, cada cidade tem suas particularidades desde a organização e montagem da estrutura física, a modelos de mercadejar (vender seus produtos), personagens singulares (vendedores tradicionais) e produtos típicos de cada localidade que compõe a feira e o diferencial para a de outras cidades.

Como exemplo dessa particularidade, mesmo entre cidades vizinhas, na feira de Maragogipe não há relato de venda da Mangaba, fruto típico do Nordeste, mas já na feira de Salinas das Margaridas, cidade limítrofe, o fruto é bastante apreciado na produção de picolés, sorvetes e geladinhos, e é facilmente comercializado na feira livre.

Em pesquisa feita no arquivo da Biblioteca Municipal da Casa da Cultura de Maragogipe, identificou-se em jornais e publicações antigas alguns relatos, não suficientes

para precisar a data do surgimento da Feira Livre de Alimentos de Maragogipe, mas o suficiente para identificar sua primeira localização e perceber-se alguns fatos interessantes que são apresentados a seguir, como: relatos que permitem ter ideia de onde teria começado a feira, problemas com o escoamento da produção e as primeiras reações ao transporte de mercadorias via rodovia (caminhões), sabendo-se que, inicialmente, o transporte de mercadorias para comercialização na capital do Estado era por meio fluvial (saveiros).

Este trecho da obra “História Menores”, de Osvaldo Sá, apresenta de forma bem resumida o que constatou-se na pesquisa informal, conversando com algumas pessoas com notório conhecimento sobre a feira de alimentos, vindo a confirmar que o primeiro ponto de localização da feira foi a Rua Brigadeiro Seixá, popularmente conhecida como Porto Grande.

Assim, no meado do século XVIII, 100 anos ou mais depois de pronta a Matriz, é que a vila se foi desenvolvendo pelos terrenos da península, na parte oposta à frente da igreja. E até a primeira metade do século atual, à exceção do comércio da Rua Nova, todo o movimento da cidade se dava na parte contrária à fachada da Matriz, até a feira de abastecer a população local se fazia primeiramente no Porto Grande, depois na Praça Municipal ou no largo da Matriz. A farinha de mandioca é que durante toda essa mudança de logradouros da feira, antes do mercado da Praça 15 de Novembro, sempre se retalhava “debaixo dos arcos” no Paço Municipal, à vista dos encarcerados. (SÁ, 1982, p.16).

Atualmente, a feira fica localizada na Praça 15 de Novembro, com a primeira construção do Mercado Municipal sendo inaugurada em 02 de julho de 1950, a partir desta data o mesmo passou por algumas reformas e, em agosto 2002, foi edificada outra construção mais moderna segundo a gestão da época. Porém, esse novo mercado foi desaprovado pela maioria dos munícipes, principalmente os feirantes, por não dispor de área coberta para exposição das mercadorias, a cobertura só foi implantada cerca de 10 anos depois, por outro gestor, e, por se tratar a construção do primeiro mercado semelhante às antigas e belas construções, até os dias atuais a população reclama da atual construção e lamenta a demolição da antiga.

Outro ponto importante observado, é que o problema com o escoamento da produção existe há muitos anos. Em publicação de um jornal de circulação local, conhecido como Tribuna do Povo, em setembro de 1995 é apresentada uma dificuldade com o escoamento da produção:

Sabemos que Maragogipe é município essencialmente agrícola, que a grande maioria de seus agricultores não dispõe de grandes recursos e que suas estradas são sumamente precárias.

Justamente por tais motivos é que precisamos de usar medidas para saná-lo, buscando esforços para colocar o nosso município em posição digna, bem melhor que a atual. [...] Os lavradores estão expondo muitos produtos na feira, aos sábados,

e estamos observando que a vendagem desses produtos não está correspondendo à produção da cidade. Seguramente mais de um terço dos produtos estão voltando, sem achar comprador. Não vemos razão para isso. Precisamos estimular quem trabalha no campo, ao tempo em que se busca uma alimentação consumindo produtos da natureza (TRIBUNA DO POVO, 1995, p.5).

O escritor, poeta e historiador Osvaldo Sá, filho da terra, traz relatos detalhados de como era disposta a feira livre por volta do início do século XX. Na publicação do Grupo GuiGui Notícias ele apresenta sua obra intitulada “A antiga praça”:

A velha Praça Municipal de outrora e, posteriormente, dita Conselheiro Antônio Rebouças, era deveras diferente, aí pelos idos da terceira década deste século XX já prestes a extinguir-se. Nela se dava a feira semanal, aos sábados, de abastecimento à população citadina. Não tinha calçamento, e seis ou oito árvores de porte, algumas delas amendoeiras, ofereciam suave sombra, e um grande chafariz, bonito de forma circular, demorava em frente ao edifício da Prefeitura. Sob os arcos deste, os roceiros, às feiras, expunham a sua farinha de mandioca em alvos sacos, produto da melhor qualidade. Os caixotes forrados de couro mostravam as rapaduras produzidas em várias engenhocas desta região.

Adiante, em esteiras ou panos, achavam-se maxixes, quiabos, jilós, abóboras, hortaliças, canas caianas e mirins. Em outra parte os galináceos, por vezes perus, patos, periquitos, bacorinhos. Em garrafas, o azeite de dendê, o mel de abelha, o azeite de cocô para alisar cabelo. Ao lado, inhames, batatas, aipins. Em época junina, o milho verde, cocos, jenipapos. Em pequena barraca, o fumo de corda e o rapé, ainda em uso. (SÁ, 1995, p.3)

Outro fato importante foi a mudança do meio de transporte das mercadorias vindas da zona rural do Município e encaminhada a capital do Estado, além de abastecer a população local, os feirantes vendiam no atacado aos atravessadores (comerciantes) que levavam as mercadorias para vender em Salvador. Inicialmente levada por via marítima por meio dos saveiros, depois, com a mudança do meio de transporte para a malha rodoviária, os feirantes tiveram algumas perdas. De acordo com o jornal Arquivo, publicado em 25 de julho de 1973 os feirantes relataram o seguinte:

Vivíamos acostumados levar o nosso produto às feiras do porto de Cai-já, cujo cais se enfeitava de dezenas de saveiros, e os seus homens lidavam com os roceiros, dentro na paz e respeito, até levavam nosso produto fiado, e não ocorria desacerto, tudo se resolvia na outra semana.

Agora falam numa tal de CEASA, não sei o que é, o certo que os saveiros estão rareando...

A cabotagem agora é em caminhão. Daí para nós acarretar prejuízo. Parece também que vem trazendo prejuízo para os cofres do Município, segundo nos informaram.

Estamos pensando em nos organizar em sindicato de agricultores.

– **Olhe amigo: não corte uma árvore sem plantar outra.** (ARQUIVO, 1973, p.1).

Esses relatos servem para justificar a importância histórica da feira livre de alimentos no comércio e na vida dos maragogipanos, Além de reforçar a contribuição efetiva da feira na inclusão e no desenvolvimento local de Maragogipe, desde os tempos remotos.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, utiliza-se o método Estudo de Caso, pois, segundo Yin (1989 apud BRESSAN, 2000), este método é adequado para responder às questões “como” e “porque”, que são questões explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo, mais do que frequências ou incidências. É o modelo ideal para pesquisas que necessitem de um aprofundamento do objeto, quando não se tem muita clareza do mesmo.

Como esta pesquisa tem o objetivo de estudar a possibilidade que a feira livre tem de propiciar a inclusão dos feirantes e suas famílias, interessa descobrir o porquê da permanência dos que nela persistem e compreender o que leva à entrada de novas pessoas na feira, e este método possibilita investigar isso, se enquadrando perfeitamente nesta proposta.

Yin (2015) argumenta que o estudo de caso pode ser usado nas mais variadas linhas de pesquisa:

Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados. Naturalmente o estudo de caso é um método de pesquisa comum na psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, assistência social, administração, educação, enfermagem e planejamento comunitário. [...] Os estudos de caso são encontrados até mesmo na economia, em investigações sobre a estrutura de um determinado setor industrial ou a economia de uma cidade ou região.

Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. Em resumo, um estudo de caso permite que os investigadores foquem em um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real – como no estudo dos ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos, os processos organizacionais e administrativos, a mudança de vizinhança, o desempenho escolar, as relações internacionais e a maturação das indústrias. (YIN, 2015, p. 4)

O estudo de caso possibilita a utilização em conjunto com outros métodos de pesquisa, ponto positivo, pois, caso durante a pesquisa surja a necessidade de acrescentar outro método para complementar a coleta de dados, isso evitará a incompatibilidade de métodos. Como o pesquisador já trabalha inserido na feira se utilizará desse método, pois, não causará o estranhamento frente aos feirantes a aplicação do instrumento de pesquisa.

A coleta de dados dar-se-á por meio de questionário que será apresentado ao respondente e conduzido pelo pesquisador que, antes de dar início, deve dar uma explicação da razão e objetivo da pesquisa, e apresentar o termo de compromisso que deve ser assinado pelo participante, quando possível, tendo em vista a quantidade de pessoas que não sabem ler nem escrever, sem instrução formal. O modelo do termo segue no apêndice A (p.43).

Os questionários serão aplicados, preferencialmente, aos sábados, na própria barraca (ponto de trabalho) do feirante, mas caso necessário, a entrevista poderá ser na casa ou outro local mais conveniente ao entrevistado. Os critérios para participação na pesquisa são: ser o proprietário ou o responsável pela barraca.

O roteiro das questões divide-se em blocos. Características do feirante: Sexo, Etnia (Raça/Cor), Idade, Grau de instrução (Escolaridade) e Ocupação principal; questões 1, 2, 3, 4 e 5 respectivamente. Dados socioeconômicos (renda mensal familiar, proporção da renda proveniente da feira, complemento da renda e responsabilidade pelo sustento da família); questões 6, 7, 8 e 9. Relação com a feira (convívio pessoal com a feira); questões 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17. Conhecimentos intermediários (percepções cotidianas, classificação de alguns aspectos da feira); questão 18. Questões abertas (o entrevistado se expressou livremente a respeito do tema); questões 19, 20, 21 e 22. O modelo do questionário segue no apêndice B (p. 44-45).

Utiliza-se, também, da observação participante, um tipo especial de observação, na qual o observador deixa de ser um membro passivo e pode assumir vários papéis na situação do caso em estudo e pode participar e influenciar nos eventos a ele relacionados, pode-se, ainda, prover certas oportunidades para a coleta de dados que podem dar ao investigador acesso a eventos ou informações que não seriam acessados por outros métodos. (BRESSAN, 2000).

A pesquisa respeitou todos os limites impostos pela lei, utilizando as autorizações do direito ao uso de imagens, do uso e divulgação de entrevistas e outras que se fizeram necessárias no decorrer da pesquisa. A pesquisa de campo (coleta de dados) ocorreu entre os dias 18 de outubro a 23 de novembro do ano de 2019.

Durante a observação participante optou-se por registrar os diversos aspectos percebidos pelo pesquisador e as informações adquiridas de maneira informal (sem perguntas diretas, apenas percebendo relatos e opiniões que surgiram naturalmente) informações essas que foram agregadas às observações feitas ao final de alguns questionários, formando um material extra e dando mais robustez a pesquisa.

Utilizou-se a técnica de amostragem denominada aleatória simples, onde segundo Barbetta (2012), cada elemento da população tem a mesma probabilidade de pertencer à amostra.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários aplicados a 55 feirantes, número superior à amostra mínima, para um intervalo amostral com 90% de confiança, em

uma população (conjunto de elementos pesquisados) de 110 elementos, neste caso o número mínimo seria de 52 elementos (feirantes). Inicialmente, pretendia-se um erro amostral menor de 2% ou 5% ou um intervalo de confiança em torno de 95% a 98%, mas devidos a impasses comuns às pesquisas de campo (como indisponibilidade do voluntário/pesquisado e tempo escasso para coleta de dados) optou-se por utilizar um intervalo de noventa por cento de confiança.

O cálculo da amostra utilizou as fórmulas abaixo:

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} \quad \text{e} \quad n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$$

$$\text{Sendo: } n_0 = \frac{1}{(0,10)^2} = 100 \quad n = \frac{(110) \cdot (100)}{(110) + (100)} = \frac{11.100}{210} = 52,380$$

Com: E_0^2 (erro amostral) = 10%

n_0 (aproximação para o tamanho da amostra) = 100

N (tamanho da população) = 110

n (tamanho da amostra - ajustada) = 52

De acordo com os professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Shimakura e Ribeiro Junior, PhD e Doutor em estatística respectivamente, esse parâmetro amostral é bem aceito na comunidade acadêmica. Em um curso disponível no Laboratório de Estatística e Geoinformação (LEG) da UFPR, ambos afirmam que pode-se, também, criar intervalos de confiança de 90%, 99%, 99.9%, etc, mas o intervalo de confiança de 95% é o mais utilizado. (SHIMAKURA E RIBEIRO JUNIOR, 2004). Desse modo, a pesquisa encontra-se em consonância com os parâmetros aceitáveis de confiança.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As análises dos dados foram realizadas de acordo com os ensinamentos de Barbetta, em seu livro “Estatística Aplicada às Ciências Sociais”. No seu capítulo 4, intitulado Dados Categorizados, ele discorre sobre os tipos de classificações de dados, utilizando-se a mais conveniente para o nosso caso:

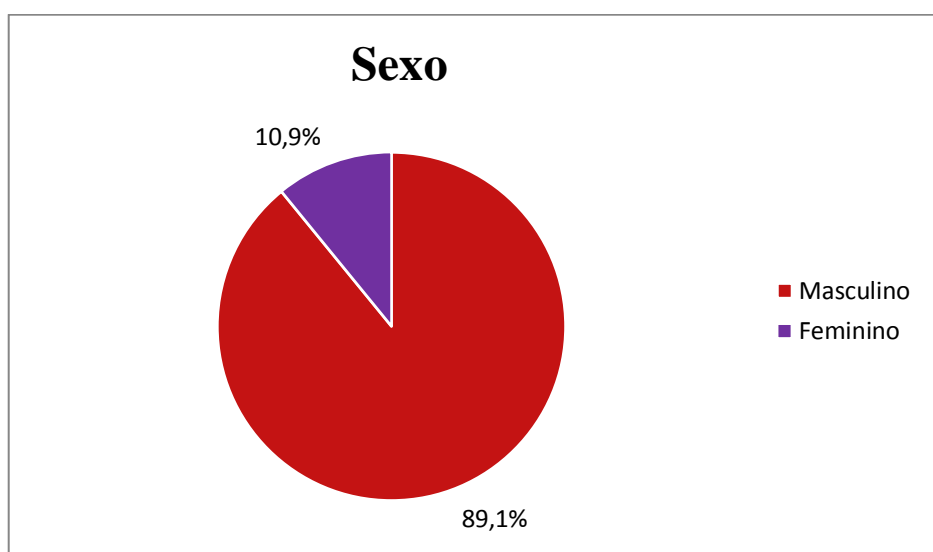
Com os dados adequadamente resumidos e apresentados em tabelas e gráficos, podemos observar determinados aspectos relevantes e começar a delinear hipóteses a respeito da estrutura do universo em estudo. É a chamada *Análise Exploratória dos Dados*. [...] Descrever e explorar dados de *variáveis qualitativas*, isto é, variáveis cujos possíveis resultados são observados na forma de categoria. É o caso de variáveis como nível de instrução, sexo, estado civil, etc. Por exemplo, ao observar a variável sexo (gênero) num conjunto de indivíduos, estaremos classificando cada indivíduo na categoria *masculino* ou *feminino*. (BARBETTA, 2012, p.65).

Inicia-se demonstrando as características dos feirantes, com o objetivo de apresentar ao leitor os atributos da população em estudo.

Utiliza-se de gráficos com a intenção de facilitar a leitura dos dados apresentados, e, sempre que possível, apoiado com relatos percebidos durante a observação participante e as observações feitas no próprio questionário durante a coleta dos dados.

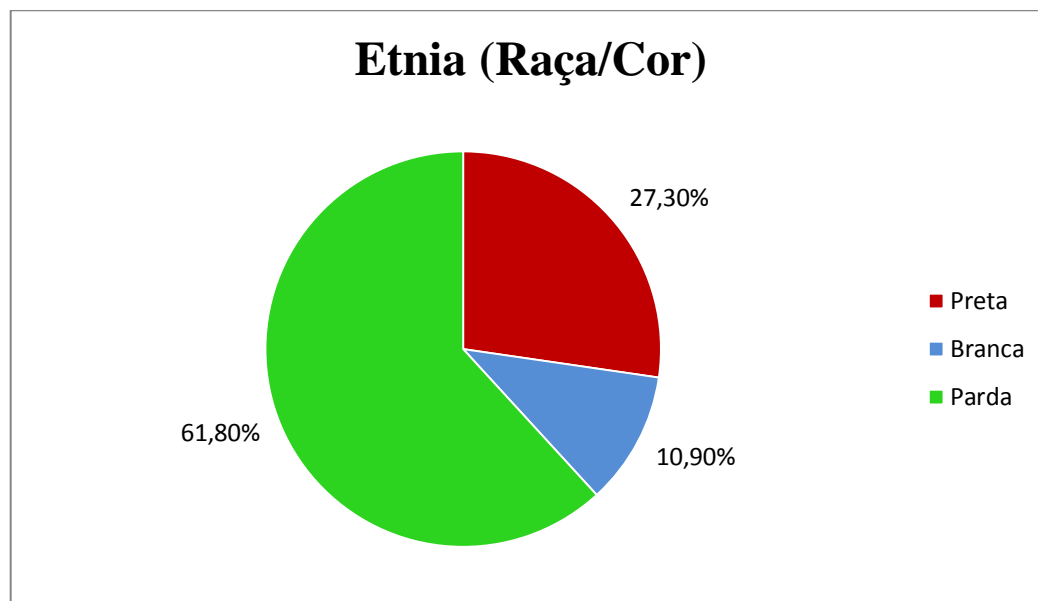
Sobre as distinções pessoais tem-se que 89,1% dos feirantes são do sexo masculino e 10,9% são do sexo feminino (Gráfico 1). Referente à etnia (Raça/Cor), 61,8% se consideram pardos; 27,3% negros e 10,9% brancos (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Comerciantes da Feira Livre de Maragogipe por Sexo – 2019



Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Gráfico 2 – Etnia (Raça/Cor) dos Feirantes de Maragogipe – 2019



Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

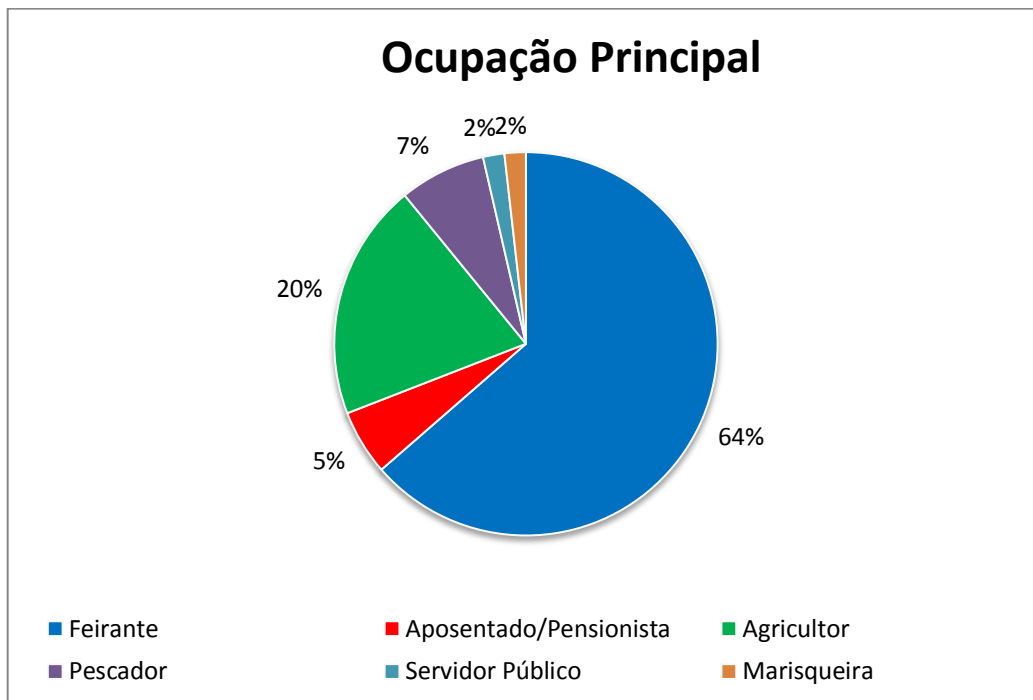
Quando analisada a faixa etária, observou-se variações nas dez faixas predeterminadas, com destaque para os com mais de 60 anos, ocupando 20% do total, e se somados com os de idade a partir de 50 anos a participação chega próximo à metade de todos os feirantes. Já os mais novos, com idade entre 14 e 24 anos, atingiram apenas 14,6% do total.

Quanto ao nível de escolaridade, 25,5% se declararam analfabetos e, na mesma proporção, os que não concluíram o ensino fundamental, revelando uma dificuldade no nível de instrução da maior parte dos feirantes, com apenas 1,8% possuindo o ensino superior completo.

Fazendo uma análise com base no Gráfico 1, observou-se que há um número superior a 10,9% de mulheres na feira, mas por se tratar de marisqueiras que não têm o hábito de vender semanalmente, e não se declararam feirantes, não foi possível inclui-las na pesquisa, as que declararam ter ambas as funções foram incluídas na pesquisa, como nota-se no Gráfico 3, adiante.

Fechando o ciclo das características da população pesquisada, mais da metade declararam ter a feira como principal fonte de renda, mas no Gráfico 3 é possível observar outros tipos de profissionais que também trabalham na feira de alimentos.

Gráfico 3 – Ocupação Principal dos Feirantes da Feira Livre de Maragogipe – 2019



Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

No Gráfico 3, pode-se perceber que, como em outras atividades em que o poder aquisitivo proporcionado pelo trabalho é baixo, a maior parte é composta por Pretos e Pardos. Nesta pesquisa não foram encontradas pessoas que se autodeclarassem Indígenas ou Amarelas, raças também consideradas pelos órgãos do Governo para fins de pesquisa.

Ao analisar-se os dados socioeconômicos observa-se que apenas 14% dos feirantes possuem renda superior a R\$ 700,00 mensais e que esta renda não é obtida exclusivamente na feira. A maioria tem renda na faixa entre R\$ 301,00 a R\$400,00 e R\$401,00 a 500,00 mensais, 27,3% e 38,2% respectivamente, somando 65,5%; e 7,2% na faixa entre R\$101,00 a R\$ 400,00. As demais faixas tiveram participação pouco expressiva, em torno de 5% cada.

Com base no que foi apresentado até o momento pode-se responder o questionamento base desta pesquisa: “É possível a Feira Livre de Alimentos de Maragogipe propiciar a inclusão dos feirantes e seus familiares?”.

De acordo com o apresentando, é possível sim afirmar que a feira livre tem um importante papel na inclusão dos feirantes e seus familiares. Quando 64% dos entrevistados afirmam ter a feira como a principal fonte de renda isso fica evidente (Gráfico 3). Reforçando

esta afirmação 67,3% dos respondentes afirmaram que pelo menos a metade de sua renda é proveniente da feira de alimentos.

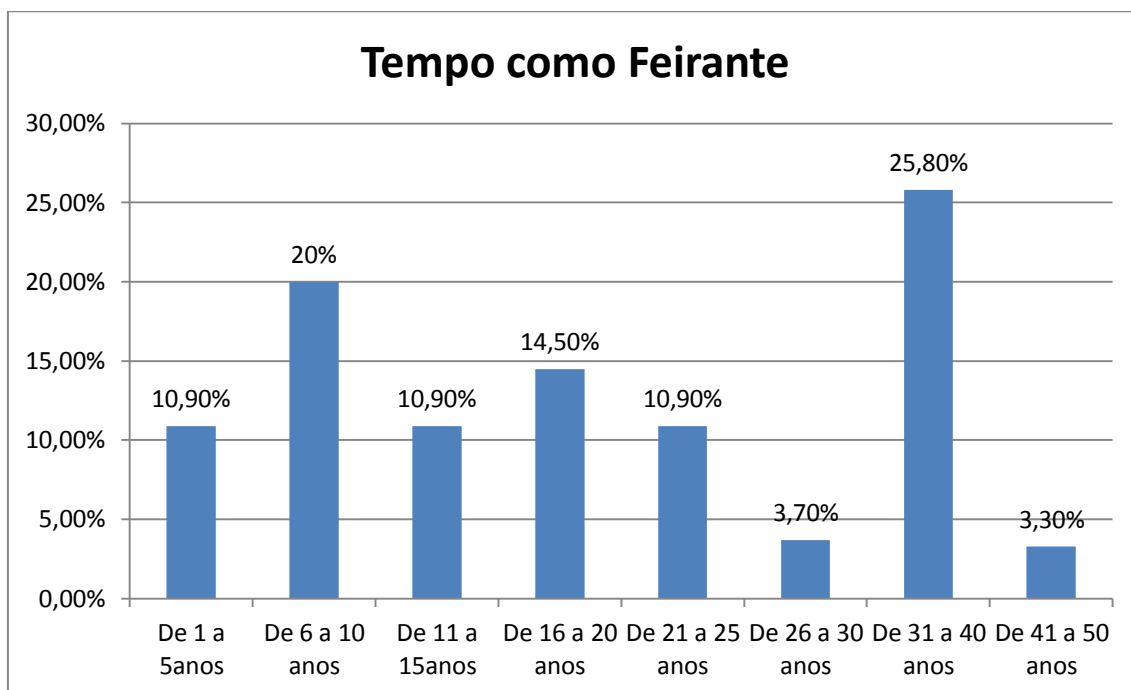
Percebe-se ainda, que 69,1% dos entrevistados são responsáveis pelo sustento da família de maneira individual, 12,7% em conjunto com cônjuge/companheiro(a) e 18,2% dependem da ajuda do pai e/ou mãe.

A partir deste ponto analisa-se as relações entre a feira e o feirante, como este se relaciona com sua atividade.

Um primeiro ponto de destaque é que, durante a aplicação dos questionários, houve um número significativo de feirantes que informaram ter 40 (2 pessoas), 42 (2 pessoas), 48 (1 pessoa) e 50 (1 pessoa) anos de atividade na feira, destacando-se uma mulher negra com 42 anos de atividade na Feira Livre de Alimentos de Maragogipe. Como as faixas de tempo de atividade na feira, consideradas no questionário, previam até 30 anos e mais de 30 anos, registrou-se nas observações os informantes que declararam ter de 40 a 50 anos de atividade, incluindo-se tais registros na análise do Gráfico 4.

Apesar de, nas questões abertas, alguns respondentes afirmarem perceber a entrada de novas pessoas na feira, não foi encontrado nenhum feirante que declarasse ter menos de um ano de atividade. O percentual que mais pontuou foi a faixa de 31 a 40 anos de atividade, com 25,8%, seguida dos que têm entre 6 a 10 anos de atividade, com 20% do total (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Tempo de Atividade como Feirante em Maragogipe – 2019



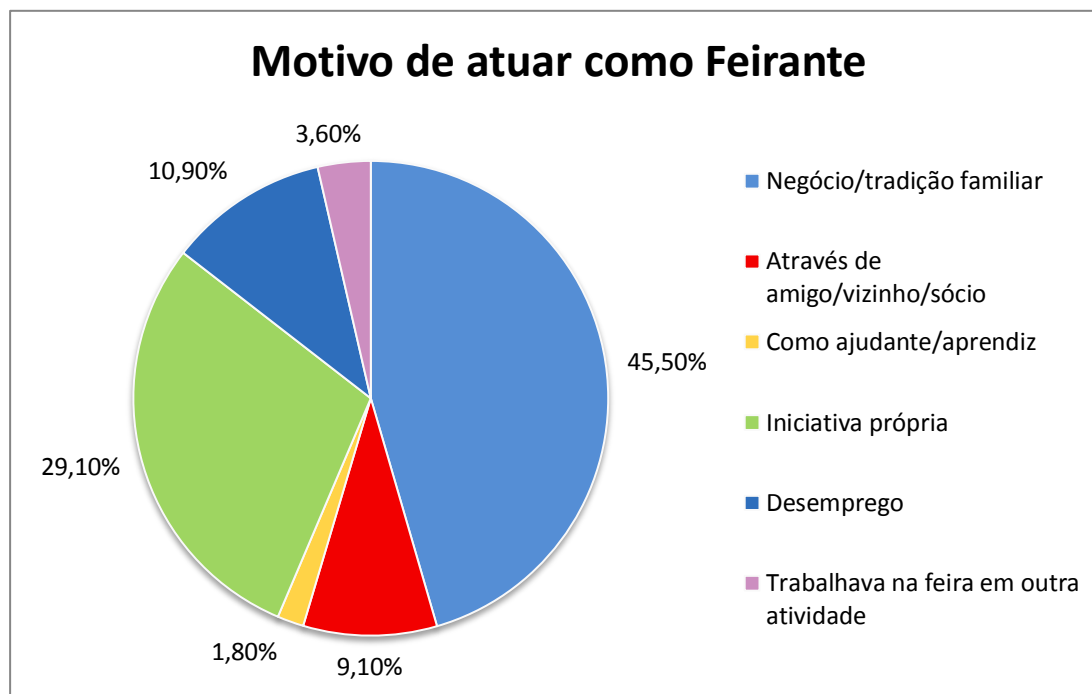
Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Ainda analisando a relação feira/feirante, estuda-se o processo de introdução do indivíduo na atividade e quais as suas principais características.

Vale a pena reafirmar-se o que foi dito na introdução, “que a Feira Livre de Alimentos de Maragogipe é caracterizada, principalmente, pelo pequeno produtor rural”, pois, analisando os dados coletados foi possível identificar que aproximadamente 60% dos feirantes que possuem outra atividade para complementar a renda atuam como pequenos produtores rurais.

Outro fato importante é que, aproximadamente metade dos feirantes iniciou a atividade seguindo uma tradição familiar, o restante dividiu-se, por ordem decrescente de participação, em: iniciativa própria (29,1%), desemprego (10,9%), através de amigo/vizinho (9,1%), já trabalhava em outra atividade na feira (3,6%), e como ajudante/aprendiz (1,8%); ver Gráfico 5.

Gráfico 5 – Motivo ter iniciado a atuar como Feirante em Maragogipe – 2019



Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Ainda em sequência à análise da relação feira/feirante, trata-se sobre o ponto de venda, mercadorias e a avaliação do trabalho na percepção do próprio feirante.

Sobre o ponto de venda (local de trabalho), 87,3% dos respondentes afirmaram ser donos do ponto; 9,1% trabalham com algum familiar ou concessão de amigo sem pagamento em dinheiro pelo local de trabalho, apenas contribuindo na comercialização do produto do concedente; e apenas 3,6% afirmaram pagar (alugar) o ponto de venda. Lembrando que, nesse caso, o ponto de venda não deve ser confundido com a barraca, pois, para armar/guardar a barraca, os que disto se encarregam cobram uma taxa em média de R\$ 10,00 por barraca, acima desta quantidade o acordo do valor é feito sem definições padronizadas.

Quando questionados sobre a origem das mercadorias, 80 % afirmaram que são donos dos produtos expostos em suas bancas, e 20% vendem mercadorias terceirizadas, ou seja, 13% compram com outro feirante no atacado (em quantidade), e 7% compram os produtos no Centro de Abastecimento de Feira de Santana-Bahia.

Com relação ao trabalho, 94,5% dos feirantes afirmaram gostar da atividade. Pediu-se, ainda, que avaliassem em uma escala que variava entre ótimo e péssimo, o seu trabalho como feirante.

As respostas foram bem distribuídas, sendo as opções mais indicadas: bom (45%) e regular (40%). O resultado detalhado segue no Quadro 1.

Quadro 1– Como você avalia seu trabalho – 2019

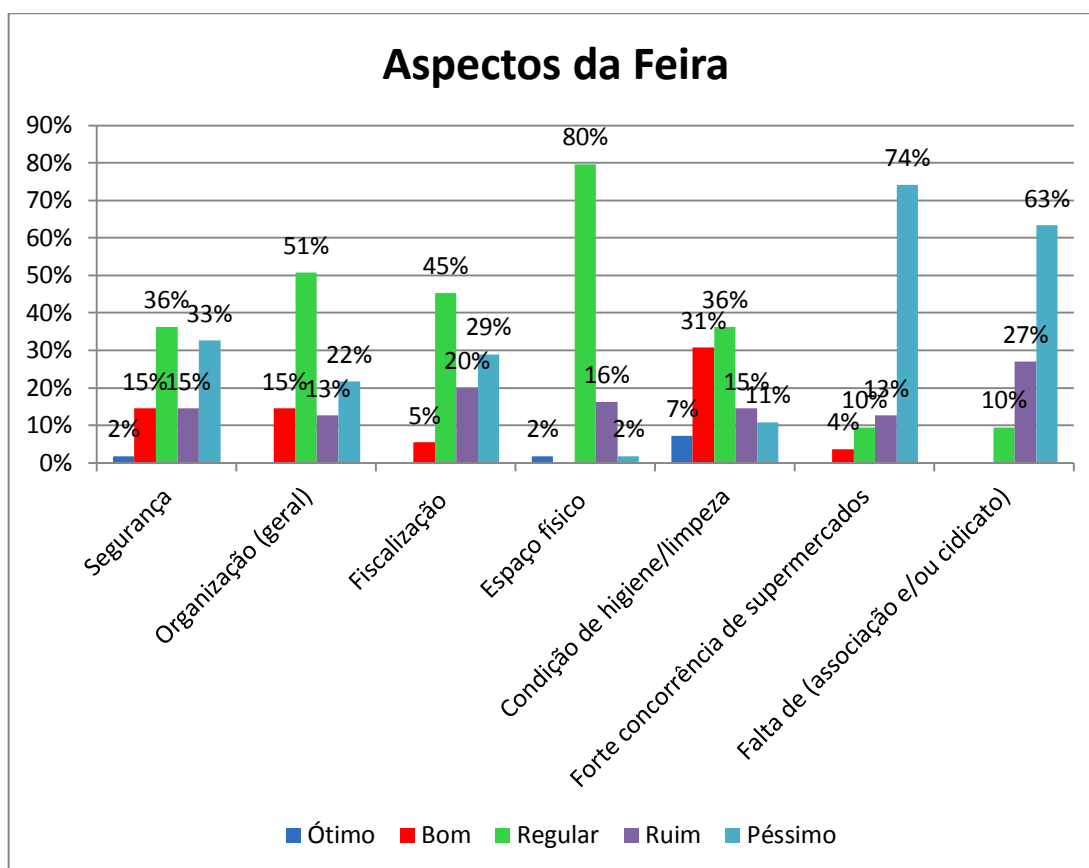
OPÇÃO	PORCENTAGEM
Ótimo	7%
Bom	45%
Regular	40%
Ruim	4%
Péssimo	4%

Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Na sequência, apresenta-se alguns pontos sobre a responsabilidade da Gestão Municipal.

Com o objetivo de responder alguns questionamentos levantados na pesquisa, como: entender a atuação da Gestão Municipal no suporte mínimo que deve ser oferecido ao feirante e aos demais cidadãos que trabalham na feira, nas mais diversas funções, assim como seus frequentadores, sem os quais a mesma deixaria de existir. Abordou-se questões básicas como: segurança, organização, fiscalização, higiene e aspectos fundamentais para a existência da feira (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Avaliação dos Aspectos da Feira Livre de Maragogipe – 2019



Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Vale ressaltar, a respeito do espaço físico onde ficam localizadas e distribuídas as barracas, a ocorrência de poucos elogios e críticas, pois, 80% dos pesquisados consideram o espaço como regular, 16% o avaliam como ruim, com apenas 2% considerando o espaço como ótimo e 2% como péssimo.

Quanto à segurança, não houve consenso, em iguais proporções ficaram os que a consideram como boa ou ruim (15% cada), em proporções quase idênticas ficaram os que opinaram como regular (36%) ou péssima (33%), e apenas uma pequena parcela consideraram a segurança como ótima (1%).

Fazendo uma leitura detalhada do Gráfico 6, pode-se chegar às mais variadas conclusões. Porém, dois fatores merecem atenção especial, o primeiro, a forte concorrência dos supermercados, pois, a maioria dos feirantes afirmam que essa concorrência é péssima para sua atividade; e o outro, a falta de uma organização formalizada para representar a classe, por exemplo, uma associação ou um sindicato.

Nos parágrafos que seguem, apresenta-se as opiniões dos feirantes de maneira mais ampla, baseadas nas questões abertas (as perguntas do questionário estão disponíveis no apêndice B, (p. 45).

Quando perguntados sobre a redução no número de feirantes, obteve-se as mais variadas respostas, muitas idênticas, porém ditas com palavras diferentes. Apresenta-se no Quadro 2, uma síntese das respostas consideradas mais relevantes. Dez (10) feirantes informaram que não houve redução, 2 informaram que se mantem na mesma proporção, 3 afirmaram que a quantidade de feirantes está aumentando, e 37 afirmaram que vem ocorrendo redução do número de feirantes ano após ano.

Quadro 2 - Síntese das respostas – redução do número de feirantes – questão 19 – 2019

SÍNTESE DAS RESPOSTAS, QUESTÃO 19.
Sim. Pouco dinheiro circulando na cidade.
Sim. Forte concorrência dos supermercados.
Sim. Porque a feira está péssima.
Sim. Supermercados vendendo barato demais.
Sim. Crise financeira e prejuízo dos feirantes.
Sim. Baixo movimento comercial.
Sim. Comércio fraco
Mesma coisa
Não

Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Na sequência, indagou-se sobre a redução do número de clientes. No geral, pode-se afirmar que a maioria apontou a redução da renda da população como principal fator dessa situação. A redução da renda é agravada em função da modernização no uso dos novos mecanismos de pagamento, cartão de crédito e débito, por exemplo.

Ratificando essas declarações, após o fechamento do empreendimento Estaleiro Enseada do Paraguaçu muitos munícipes ficaram desempregados. Seguem-se algumas respostas dos feirantes quanto à redução do número de clientes na feira (Quadro 3).

Quadro 3 – Síntese das respostas – redução do número de clientes – questão 20 – 2019

SÍNTESE DAS RESPOSTAS, QUESTÃO 20.
Sim. Falta de dinheiro no município.
Sim. Renda baixa dos compradores.
Sim. Os supermercados trabalhando com cartão de crédito.
Sim. Concorrência dos supermercados, vendendo com cartão de crédito.
Sim. Desemprego e supermercados.
Sim. Baixa circulação de dinheiro.
Sim. Mais de 50% da população sem dinheiro.
Sim. Crise financeira.
Não.

Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Investigando por que novas pessoas ingressam nesse trabalho, considerando que os que nele atuam reclamam com frequência de não conseguirem pagar suas contas no prazo.

Neste quesito, houve 9 respostas afirmando não ter notado ou percebido a entrada de novas pessoas, já os 44 que afirmaram ter notado a presença de novas pessoas apontaram o desemprego ou a falta de qualificação profissional para outra atividade como o principal motivo. Desses, 37 apontaram o desemprego como causa principal e 4 a falta de qualificação profissional.

O questionário encerra solicitando dos respondentes sugestões de como deveria agir a Gestão Municipal para melhorar as condições da feira.

Dezesseis (16) respostas apontaram que a Gestão Municipal deveria empregar ou gerar postos de trabalho para os munícipes, 17 feirantes informaram não saberem o que deveria ser feito, ou afirmaram que a Prefeitura deveria fazer algo, mas não souberam dizer que medidas deveriam ser tomadas.

Segue a síntese das respostas que explicitam as sugestões sobre o que a Gestão do Município deve fazer para melhorar as condições da feira (Quadro 4).

Quadro 4 – Síntese das respostas – ações da Gestão Municipal para melhoras nas condições da feira – questão 22
– 2019

SÍNTESE DAS RESPOSTAS, QUESTÃO 22.
Gerar emprego na cidade para aumentar a renda do povo.
Criação de um sindicato.
Investimentos em curso de qualificação profissional.
Fazer com que o dinheiro circule na Cidade, pois tem muitas pessoas que não são residentes em Maragogipe trabalhando na Prefeitura.
Não soube informar, apesar de apontar que a Gestão deve fazer alguma coisa.
Organizar a feira por seções.
Controlar a venda de verduras dos supermercados.
Organização para atrair o público (clientes).
Qualificar o espaço físico, para as bancas não ficarem muito próximas; melhorar a higiene e organizar o espaço como todo.

Fonte: Dados da pesquisa, 18 de out. a 23 de nov. de 2019.

Fundamentado nos dados da pesquisa e nos autores referenciados ao longo do texto, este estudo confirma a importância da Feira Livre de Alimentos de Maragogipe-Ba como mecanismo de inclusão dos feirantes e suas famílias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, buscou-se responder se a Feira Livre de Alimentos de Maragogipe propicia a inclusão e o desenvolvimento local. A motivação para esta pesquisa deveu-se à visível redução do número de feirantes, principalmente a partir do início do ano de 2015 com o encerramento das atividades do canteiro de obras do Estaleiro Enseada do Paraguaçu.

De acordo com os conceitos abordados, a respeito do desenvolvimento local, percebe-se que de maneira isolada a feira não o promove, apesar de reconhece-se algum tipo de contribuição nesse sentido. A respeito da inclusão, com base nos conceitos pesquisados e estudados, compreende-se que a feira propicia a inclusão via trabalho e renda.

Importante relatar a construção da seção 3.2 deste trabalho, pois não havia nenhum estudo publicado sobre a Feira de Alimentos de Maragogipe, foi necessário buscar no acervo público da Biblioteca Municipal materiais como: jornais já extintos, folhetos e publicações antigas, o que consumiu boa parcela de tempo. Devido à fragilidade do material acessado, e a preocupação ao manuseá-lo, a coleta do mesmo realizou-se por meio de registros fotográficos, pois os arquivos não podiam deixar a Biblioteca. Além disso, houve conversas, porém sem formalidade, com anciões que trabalham na feira. Com isso, construiu-se importante fonte de consulta para posteriores pesquisas a respeito do surgimento da feira e outros fatos relacionados.

O objetivo geral e os específicos da pesquisa foram alcançados. No objetivo geral conseguiu-se entender que o processo de inclusão acontece principalmente pelo fato de não haver restrições relacionadas a classe social, nível escolar, etnia ou outras exigências que impeçam a entrada de novas pessoas na atividade, e pelo fato de que o conceito de inclusão tem como meta principal combater a exclusão. Nos objetivos específicos, compreendeu-se os fatores que levam à permanência ou entrada de novos feirantes na atividade, as mais apontadas foram a falta de emprego aliada à necessidade de uma renda mínima, e a falta de qualificação para acessar novas oportunidades no mercado de trabalho, observou-se, ainda, que a Gestão Municipal tem pouca preocupação com a feira, desde os primeiros relatos conhecidos sobre a mesma.

Na metodologia da pesquisa, utilizou-se o Estudo de Caso por se tratar de um mecanismo já conhecido na comunidade acadêmica, quando se trata de pesquisas em que não se tem muita clareza do objeto de estudo. A coleta dos dados foi feita por meio da aplicação de questionários e observação participante, a amostragem utilizada foi à aleatória simples, devido a algumas dificuldades que impediram realizar a pesquisa abordando toda a população da feira (universo).

Quanto à pesquisa no campo, a principal dificuldade foi a disposição de tempo do feirante para responder ao questionário, com os que residem na cidade foi mais fácil a aplicação, pois, após encerrarem suas atividades dispunham de um tempo vago, mesmo que escasso; já com os feirante residentes na zona, rural após o encerramento das atividades geralmente possuíam outras tarefas como ir a supermercados e padarias, pagar contas e acessar outros estabelecimentos comerciais que necessitassem. Por esses motivos, a aplicação do questionário iniciava-se logo ao amanhecer, por volta das 5 horas, se estendendo durante todo o período da feira que, geralmente por volta das 14 horas, já contava com um número de clientes bastante reduzido, menos de trinta por cento do total do horário de pico. Muitas vezes, foi necessário interromper a pesquisa para que o feirante continuasse a exercer seu trabalho, houve um pouco de resistência ao apresentar o termo de compromisso, devido à necessidade de assiná-lo, mesmo lendo e explicando a importância do termo para a validação do questionário.

Espera-se que este trabalho contribua com uma nova perspectiva sobre a feira livre de alimentos, ampliando a visão da Gestão Pública Municipal para tratar a mesma como um mecanismo de inclusão, fortalecendo-a e criando um canal de comunicação entre a Gestão Municipal e o feirante. Espera-se, ainda, que os feirantes ampliem seu olhar e tomem consciência da importância do seu trabalho, formando uma organização formal como um sindicato ou uma associação, para que passem a ter representatividade (voz e vez) diante das autoridades municipais. Este trabalho é um convite para que novos trabalhos sejam feitos e venham agregar visibilidade a este tema tão importante, que pode atuar como mecanismo de inclusão via trabalho e renda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **RBDP – Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**. Curitiba, v. 7, n. 2, p. 300-327, mai./ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd>>. Acesso em 28 de jul. 2019.
- ARQUIVO. Maragogipe – Bahia: **Gazeta Rural**. Ano 23. n.238, p.1, 25 de jul. 1973.
- BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística básica aplicada às Ciências Sociais**. 8ª. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2012. (cap.3 e 4).
- BARROS, Areza Batista Gomes; SILVA Norma Lúcia Oliveira da; SPINOLA Noelio Dantaslé. Desenvolvimento Local e Desenvolvimento Endógeno: Questões Conceituais. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Ano VIII • Nº 14 • Julho de 2006 • Salvador, BA.
- BRASÍLIA. Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado. Módulo 4 Inclusão Social. **Secretaria Especial dos Direitos Humanos**. v. 6, 2004. p.8-9. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:w1FdIvk15UkJ:https://www.oei.es/historico/quipu/brasil/ec_inclu.pdf+&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em 11 mai. 2019.
- BRESSAN, Flávio. O método do estudo de caso. **Revista Administração on line[On Line], FECAP**. v. 1, n. 1, jan./fev./mar., 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm >. Acesso em 26 jun. 2017.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico**. 2008. Bresser-Perreira Website. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2008/08.18.ConceitoHist%C3%B3ricoDesenvolvimento.31.5.pdf> >. Acesso em 03 jul. 2017.
- IBGE/CIDADES, Ano: 2017 Resultados Preliminares. **Censo Agropecuário**. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/maragogipe/pesquisa/24/76693>>. Acesso em 28 abr. 2019.
- IBGE/CIDADES. 2019. Brasil / Bahia / Maragogipe. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/maragogipe/panorama>>. Acesso em 26 abr. 2019.
- IPAC-BA – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Maragogipe – Carnaval de Maragogipe. 2009. **Patrimônio, patrimônio cultural brasileiro**. Disponível em: <<http://www.ipatrimonio.org/maragogipe-carnaval-de-maragogipe/#!/map=38329&loc=-12.778723000000008,-38.91899900000001,17> >. Acesso em 23 abr. 2019.
- MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S.; Feira Livre: Territorialidade Popular e Cultura na Metrópole Contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 2, n. 2 agos./2008 p.72-87. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/4710/3971%20de%20G%20Mascarenhas>>. Acesso em 03 jul. 2017.

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVEIRA, Nilce de. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura [online]**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em:

< <http://books.scielo.org/id/9q/08> >. Acesso em 03 jul. 2017.

MARAGOGIPE. Prefeitura Municipal. **Diário oficial do Município**. Quarta-feira. 17 de Junho de 2015. Ano V. Nº 937. Disponível em:

<<http://www.maragogipe.ba.io.org.br/diarioOficial/download/497/937/0>> Acesso em 23 abr. de 2019

SÁ, Osvaldo. A antiga praça. **GuiGui Notícias**. Maragogipe, Ano II. n.6, p.3, ago. 1995.

SÁ, Osvaldo. A posição da Matriz (Capítulos da História de Maragogipe). **Histórias Menores**. v.2, 1982. p.16.

SALES, Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza. **Negócio Feira Livre: Um Estudo em um Município de Minas Gerais**. Nov.2011. PET ADMINISTRAÇÃO UFLA, Universidade Federal de Lavras Departamento de Administração e Economia. Disponível em:

< <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf> >. Acesso em 03 jul. 2017.

SHIMAKURA, Silvia Emiko; RIBEIRO JUNIOR, Paulo Justiniano. **Intervalos de confiança**. LEG - Laboratório de Estatística e Geoinformação / UFPR - Universidade Federal do Paraná. 2004. p.5. Disponível em:

<<http://leg.ufpr.br/~paulojus/CE003/ce003/node5.html#SECTION00057000000000000000>>. Acesso em 26 de nov. 2019

TRIBUNA DO POVO. Maragogipe – Bahia: **A feira aos sábados na cidade**. p.5, set. 1995.

UPB - União dos Municípios da Bahia. Feira livre é uma tradição dos nossos municípios. **UPB Notícia**. 5 fev./2017. Disponível em:

< <http://www.upb.org.br/noticias/feira-livre-e-uma-tradicao-dos-nossos-unicipios>>. Acesso em 08 abr. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2015. Disponível em:< <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EtOyBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=YIN,+Robert+K.+--+&ots=k9njmD2AA&sig=E0gVIZqKRWODkVmDqYQZYiUpJmo#v=onepage&q&f=true> >.

Acesso em 17 mai. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E AUTORIZADO

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E AUTORIZADO



CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS. COLEGIADO DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da Pesquisa cujo título é “FEIRA LIVRE COMO MECANISMO DE INCLUSÃO: O caso da Feira Livre de Alimentos de Maragogipe – BA”.

Eu, _____ ,
declaro ter conhecimento dos termos e procedimentos que serão desenvolvidos como parte das coletas de dados do trabalho de conclusão do curso de graduação do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, com o objetivo de pesquisar e estudar a possibilidade que a feira livre tem de propiciar a inclusão, via trabalho e renda dos feirantes e suas famílias no município de Maragogipe-Ba..

Portanto, afirmo a minha aptidão para responder ao questionário, ou colaborar com o andamento da pesquisa, desde que todos os dados aqui obtidos sejam somente usados para o referido trabalho acadêmico. Do mesmo modo, fica assegurado que poderei declinar de minha participação a qualquer momento do processo.

_____, ____/____/2019.

Participante
(assinatura)

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Artes, Humanidades e Letras
Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública



FEIRA LIVRE DE ALIMENTOS DE MARAGOGIPE – BA - 2019

Questionário n° _____	Data _____	Hora _____
Entrevistador _____		Local de aplicação _____

<p>1. Qual seu sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino</p> <p>2. Qual sua Etnia? (Raça/Cor): 1. () Preta 2. () Branca 3. () Amarela 4. () Parda 5. () Indígena 6. () Outra: _____</p> <p>3. A sua idade situa-se em que faixa etária? 1. () 14 a 19 anos 2. () 20 a 24 anos 3. () 25 a 29 anos 4. () 30 a 34 anos 5. () 35 a 39 anos 6. () 40 a 44 anos 7. () 45 a 49 anos 8. () 50 a 54 anos 9. () 55 a 59 anos 10. () 60 anos ou mais</p> <p>4. Qual o seu nível de escolaridade? 1. () Analfabeto 2. () Fundamental incompleto 3. () Fundamental completo 4. () Ensino médio incompleto 5. () Ensino médio completo 6. () Superior incompleto 7. () Superior completo 8. () Outro: _____</p> <p>5. Qual a sua ocupação principal? 1. () Feirante 2. () Aposentado/Pensionista 3. () Outra: _____</p> <p>6. Qual a sua faixa de renda mensal familiar? Em Reais. 1. () Até 100,00 2. () De 101,00 a 200,00 3. () De 201,00 a 300,00 4. () De 301,00 a 400,00 5. () De 401,00 a 500,00 6. () De 501,00 a 600,00 6. () De 601,00 a 700,00 7. () Acima de 700,00</p> <p>7. Dessa renda qual a proporção é proveniente de sua atividade na feira? Resp. _____ %.</p> <p>8. O complemento da renda vem de que outra atividade? Resp. _____</p> <p>9. Quem sustenta a família? 1. () Entrevistado(a) 2. () Entrevistado(a) e Cônjuge/Companheiro(a) 3. () Pai e/ou Mãe</p>	<p>4. () Outros Parentes 5. () Programas sociais 6. () Não respondeu</p> <p>10. Há quanto tempo trabalha como feirante em Maragogipe? 1. () Menos de 1ano 2. () De 1 a 5anos 3. () De 6 a 10 anos 4. () De 11 a 15anos 5. () De 16 a 20 anos 6. () De 21 a 25 anos 7. () De 26 a 30 anos 8. () Mais de 30 anos</p> <p>11. Como você começou a atividade de feirante na feira de Maragogipe? 1. () Negócio/tradição familiar 2. () Através de amigo/vizinho/sócio 3. () Como ajudante/aprendiz 4. () Iniciativa própria 5. () Insatisfação com atividade anterior 6. () Desemprego 7. () Trabalhava na feira em outra atividade 8. () Outra: _____</p> <p>12. Trabalha sozinho(a) ou com o cônjuge/companheira(o)? 1. () Sim 2. () Não Se não, quem trabalha com você? _____</p> <p>13. Você é dono do ponto? 1. () Sim 2. () Não Se não, quem é? _____</p> <p>14. Você é dono das mercadorias? 1. () Sim 2. () Não Se não, quem é? _____</p> <p>15. Você gosta do seu trabalho? 1. () Sim 2. () Não</p> <p>16. Como você avalia seu trabalho? 1. () Ótimo 2. () Bom 3. () Regular 4. () Ruim 5. () Péssimo</p> <p>17. Quem define o espaço (ponto comercial) em que você realiza sua atividade? 1. () Órgão da Prefeitura 2. () Associação/sindicato 3. () Os próprios feirantes em comum acordo 4. () Armadores/guardadores 5. () Outro(a): _____</p>
---	--

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

<p>Utilize a legenda do rodapé na tabela da questão 18 abaixo.</p> <p>18. Qualifique a feira de acordo com os seguintes aspectos:</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th style="text-align: left;">Aspectos</th> <th>1</th> <th>2</th> <th>3</th> <th>4</th> <th>5</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>Segurança</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Organização (geral)</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Fiscalização (excesso)</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Fiscalização (falta)</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Baixa circulação de pessoas</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Espaço físico desordenado</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Espaço físico sucateado/ degradado</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Má condição de higiene/ limpeza</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Forte concorrência de supermercados</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>Falta de uma organização formal dos feirantes (associação e /ou sindicato)</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </tbody> </table> <p>Legenda: 1=Ótimo; 2=Bom; 3=Regular; 4=Ruim; 5=Péssimo.</p> <p>19. De acordo com sua experiência na feira livre de alimentos, você percebe que está ocorrendo uma redução no número de feirantes? Se sim, por qual motivo?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	Aspectos	1	2	3	4	5	Segurança						Organização (geral)						Fiscalização (excesso)						Fiscalização (falta)						Baixa circulação de pessoas						Espaço físico desordenado						Espaço físico sucateado/ degradado						Má condição de higiene/ limpeza						Forte concorrência de supermercados						Falta de uma organização formal dos feirantes (associação e /ou sindicato)						<p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>20. De acordo com sua experiência na feira de alimentos, você percebe que está ocorrendo uma redução no número de clientes? Se sim, por qual motivo?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>21. Na sua opinião, o que faz novas pessoas começarem a trabalhar na feira, se os que nela já trabalham sempre reclamam que não estão conseguindo pagar suas contas em dia?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>22. Na sua opinião, o que a Gestão Pública Municipal deve fazer para melhorar as condições da feira?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
Aspectos	1	2	3	4	5																																																														
Segurança																																																																			
Organização (geral)																																																																			
Fiscalização (excesso)																																																																			
Fiscalização (falta)																																																																			
Baixa circulação de pessoas																																																																			
Espaço físico desordenado																																																																			
Espaço físico sucateado/ degradado																																																																			
Má condição de higiene/ limpeza																																																																			
Forte concorrência de supermercados																																																																			
Falta de uma organização formal dos feirantes (associação e /ou sindicato)																																																																			

Observações: